

## Ao redor de uma autora

---

### *Around a Writer*

Elisa Maria Dalla-Bona\*  
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Érica Rodrigues\*  
Colégio Estadual João Gueno

97

---

**RESUMO:** Este trabalho é fruto de uma parceria, iniciada em 2013 e continuada em 2014, entre a Universidade Federal do Paraná e a escola João Gueno (Colombo - PR), que viabilizou a criação de um grupo de pesquisa composto por membros da universidade e uma professora de Língua Portuguesa da escola. Segundo o Sistema de Avaliação da Educação Básica do Paraná (2013), 62% dos alunos do sexto ano desta escola não atingiram um nível adequado de leitura, assim o grupo vem desenvolvendo uma pesquisa de natureza etnográfica para refletir sobre estas limitações, planejar ações a serem desenvolvidas na escola e buscar soluções para enfrentar as dificuldades com vistas à formação do leitor literário. O objetivo deste artigo é relatar uma das atividades desenvolvidas com alunos de 6º/7º anos (10 a 14 anos) do Ensino Fundamental, ao redor da autora Índigo e de seus livros infanto-juvenis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura literária. Ensino fundamental. Literatura infanto-juvenil.

**ABSTRACT:** This investigation results from a continuing partnership between Universidade Federal do Paraná and João Gueno Elementary School, initiated in 2013, that allowed the creation of a collaborative research group with university professors and a Portuguese Language teacher from that school. The Evaluation System for Elementary Education of the state of Paraná, Brazil, stated in 2013 that 62% of sixth grade students from this school did not achieve an adequate level of reading. The collaborative group has been involved in an ethnographic research to study this limitation, plan actions to be developed at the school and

---

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná.

\* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná.

propose solutions to the difficulties in forming the literary reader. We report one of the activities undertaken with sixth and seventh grade elementary school students (10-14 year old), involving the author Índigo and her infant-juvenile books.

KEYWORDS: Literary reading. Elementary education. Infant-juvenile literature.

## Apresentação

A consolidação da parceria das autoras deste artigo é fruto de muita persistência. De um lado uma professora universitária com suas demandas de trabalho que muitas vezes distanciam as instituições de ensino superior da escola básica. De outro lado uma professora que divide sua dedicação de tempo integral ao ensino fundamental entre a escola privada e a pública, em realidades tão distintas que a inquietam e a impulsionam para a busca de soluções para enfrentar as limitações da escola pública. A professora universitária há mais de 20 anos atuando na orientação de estágios no curso de Pedagogia e desenvolvendo projetos de pesquisa e extensão busca assegurar a proximidade com as problemáticas da escola básica. A professora do ensino fundamental, desde sua formatura em Letras, não se afastou da universidade, manteve contato com seus antigos professores, voltou para cursar o mestrado e realizou cursos de extensão. Um desses cursos foi o “Ação Integrada para o Letramento”, coordenado pela professora Lúcia Peixoto Cherem, da Universidade Federal do Paraná - UFPR, que após discussões teóricas, abriu a possibilidade de um trabalho em conjunto entre os pesquisadores da universidade e os professores da escola básica. E assim, em fevereiro de 2013, nos conhecemos.

A crença do poder da leitura literária e o desejo de mudar a realidade de alunos da escola pública nos uniram. O primeiro passo foi conhecer a escola, seus ambientes, alunos e professores e constatar as suas dificuldades e ao mesmo tempo o seu potencial. Precisávamos existir também na universidade e, assim, foi registrado na UFPR, um projeto de pesquisa intitulado

“Letramento literário no 6º ano do ensino fundamental”, o que nos permitiu pleitear alunos de iniciação científica.

Constituímos um grupo de pesquisa que inicialmente contou com a professora Elisa Maria Dalla-Bona, da UFPR, a professora Érica Rodrigues, da escola João Gueno e duas alunas de iniciação científica, as estudantes de Letras da UFPR: Mariane de Souza de Assis e Paula Augusta Assumpção Malhadas. Passamos a nos reunir semanalmente, para planejar as atividades a serem realizadas na escola, estudar textos teóricos e analisar as atividades desenvolvidas. Nosso trabalho tem sido marcado pelo entusiasmo na elaboração dos planejamentos, a busca por textos, livros e atividades que possam conquistar os alunos para a leitura literária e pela alternância entre a frustração por eles não corresponderem às nossas expectativas, ou nos surpreenderem com um envolvimento que energiza todo o grupo. Este artigo relata uma destas atividades energizantes.

### **A construção da investigação**

Esta pesquisa teve origem no pedido de assessoria a professores da universidade pela professora de Língua Portuguesa do Colégio Estadual João Gueno ao deparar com enormes dificuldades em leitura e escrita entre os seus alunos de 6º ano do ensino fundamental.

O Colégio Estadual João Gueno localiza-se no município de Colombo, na região metropolitana de Curitiba, a cerca de 17 quilômetros da capital paranaense. Possui três níveis de ensino: séries finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Trata-se de uma escola pequena, que em 2013, atendia aos 435 alunos divididos em 12 turmas, entre elas 2 de sexto ano e 2 de sétimo, que são o foco deste artigo.

Consta no seu Projeto Político Pedagógico (2012) que a maioria dos alunos

pertence a um nível socioeconômico médio-baixo, predominando a renda familiar referente a dois ou três salários mínimos. Os alunos moram no bairro onde está localizada a escola e é desprovido de áreas de lazer como praça, cancha de esporte e parque. As opções de lazer dos alunos limitam-se a assistirem TV, ouvirem música e participarem de eventos programados pela escola. Poucos têm computador em casa e quando tem a conexão com a internet não é de boa qualidade.

Em 2013, os alunos do 6º ano participaram de uma avaliação realizada pela Secretaria da Educação do Paraná - Sistema de Avaliação da Educação Básica do Paraná, o SAEP. Nesta avaliação, o nível de leitura apresentado pelos alunos da escola João Gueno foi o seguinte: 15,9% abaixo do básico, 46% básico, 34,9% adequado e 3,2% avançado. Portanto, quase 62% dos alunos da escola não atingiram um nível adequado de leitura, problema constatado por todos os professores que se mostram preocupados pela dificuldade que os alunos apresentam na leitura e compreensão dos textos trabalhados. A escola busca permanentemente soluções para enfrentar estas limitações, sendo que uma delas foi a parceria com a UFPR, conforme anteriormente descrito.

Logo nos primeiros contatos com a escola foi possível perceber que o trabalho a ser realizado tinha um significativo potencial para o desenvolvimento de uma pesquisa de natureza etnográfica, que nos permitiria mergulhar em uma realidade cotidiana para a compreensão do que se passa na escola.

Como quer a etnografia o contato com o campo de pesquisa vem sendo direto e com uma longa duração, iniciado em fevereiro de 2013 e ininterruptamente tendo continuidade em 2014, com o acompanhamento pela professora dos alunos do 6º para o 7º ano. A escola demonstra sua preocupação com a formação de leitores, na medida em que entre as cinco aulas semanais da matriz curricular de Língua Portuguesa, decidiu dedicar uma delas à leitura literária. É neste horário que se concentram as observações participantes das ações planejadas pelo grupo de pesquisa.

Os pesquisadores vêm tendo diferentes papéis durante o estudo. A professora da turma atua também como investigadora, coletando dados, fazendo anotações em campo e, posteriormente, compartilhando do seu cotidiano ao fazer uma descrição minuciosa ao grupo de pesquisa, ou o que Moreira (2002) define como relato etnográfico. A professora/pesquisadora assume uma postura ativa e participa dos eventos que estão sendo estudados, atenta para o que aponta Yin (2005) quanto à preservação da imparcialidade, de forma a não comprometer as suas observações e seu olhar crítico como pesquisadora, sabendo ver e ouvir atentamente, registrando o mais fielmente possível todas as informações pertinentes. A professora/pesquisadora tem um papel central na produção dos dados etnográficos, na medida em que faz a observação participante e anota as principais ocorrências em diários de campo, sendo decisiva a sua integração harmoniosa com o grupo de pesquisa. O papel dos demais pesquisadores na hora da coleta dos dados tem sido como o definido por Gold (apud MOREIRA, 2002, p. 52-4), o de observadores totais ou completos, ou seja, não mantendo interação com os alunos, somente com o professor/pesquisador.

Lüdke e André (1986) citam Lapassade que considera a existência de três tipos de observação participante: a periférica, a ativa e a completa. Esta pesquisa é a do terceiro tipo - observação participante completa - pois se trata dos casos em que o investigador é membro da situação que irá estudar, e como forma de cumprir uma recomendação etnometodológica, torna-se parte do fenômeno que estuda.

Com o andamento da pesquisa sentimos necessidade de maiores informações, além das oriundas das observações na sala de aula. Utilizou-se também de técnicas como a análise de documentos, tanto do acervo da biblioteca da escola como os textos literários criados pelos alunos, desenvolveu-se um protocolo de leitura a ser preenchido mensalmente pelos alunos de forma a registrar as suas preferências de leitura, os motivos deste interesse e

acompanhar a sua evolução como leitores literários, além da realização de entrevistas com os alunos para entendermos melhor o que os atrai para a leitura de determinadas obras.

Assim, conforme André (1995) temos um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos de investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas reavaliadas, os instrumentos reformulados e os fundamentos teóricos aprofundados. A ênfase incide sobre o processo, ao que está acontecendo e não no produto, sendo assim, o olhar da investigação concentra-se sobre os detalhes de uma prática pedagógica singular e para a compreensão do modo como ela tem evoluído. Nessa somatória de informações podemos triangular os dados para uma descrição densa e contextualizada do fenômeno pesquisado, com o objetivo de compreender as situações e suas manifestações e como indicado por Lüdke e André (1986) buscando as respostas para o problema inicialmente formulado, ou para uma prática escolar de formação de leitores literários para agir sobre ela, modificando-a.

### **O começo do trabalho**

Os alunos do 6º ano são os mais novos na escola João Gueno e para conhecê-los melhor, no início do ano letivo de 2013, foi feito um pequeno levantamento sobre o contato que os 60 alunos divididos em duas turmas tinham até então com a leitura. Antes disso, eles participaram de uma aula de leitura na qual estavam disponíveis livros de literatura infanto-juvenil e também revistas voltadas às crianças (gibis e *Recreio*).

Após a realização desta aula, cada um respondeu seis questões sobre: as escolhas que eles haviam feito durante aquele horário, se o tempo para leitura havia sido suficiente, se haviam trocado de material durante a aula, se eles lembravam-se de algum livro que já tinham lido anteriormente e se consideravam a leitura algo importante.

Na leitura das respostas chamou-nos a atenção a dificuldade de os alunos desenvolverem frases mais longas em que expressassem a sua opinião sobre os temas questionados. Por exemplo, a primeira questão era a seguinte: “Durante esta aula, você escolheu um livro ou uma revista para ler? Por quê?”. De modo geral, houve equilíbrio entre a preferência por um ou outro suporte de leitura, mas as justificativas sobre isso diziam pouco:

**AP**<sup>1</sup> - Um livro. Porque eu gosto de livro.  
**BG** - Um livro. Porque é mais importante.  
**MB** - Escolhi revista, achei boa.  
**MN** - Revista, acho que é melhor.

Mesmo com poucas palavras a maioria dos alunos mostrou reconhecer a leitura como algo importante, presente no dia a dia de todos, compreendendo-a como meio de busca de informações, aprendizado e requisito para realização de outras atividades:

**HO** - Usamos a leitura em tudo o que fazemos.  
**GC** - É importante porque nos traz informações.  
**IM** - Aprendemos lendo.  
**ME** - É importante para nós lermos documentos.  
**BP** - Quanto mais leitura, menos erros de português.  
**MA** - Para tudo hoje precisa ler, para mexer no celular, na internet, para estudar, fazer lição, compor, para tudo.

103

Ficava evidente, portanto a predominância da ideia da leitura informativa, destoando com a resposta de um único aluno, RM, que a relacionava com prática e fruição: - “É importante, pois além de exercitar a mente é divertido”.

Embora muitos considerassem a leitura algo muito importante, o repertório nos revelava pouco contato com a leitura literária e seus autores. Entre os títulos de livros dos quais mais gostaram houve menção recorrente aos títulos

---

<sup>1</sup> Para preservar a identidade dos alunos citamos as primeiras letras dos seus nomes e sobrenomes.

do autor Ziraldo: *O menino maluquinho* e *Uma professora muito maluquinha* e gibis da *Turma da Mônica Jovem*, destacando-se também entre os alunos vários que não haviam lido ou gostado de nenhum livro.

O fato de já estarem no 6º ano, com idade predominante entre 10 e 11 anos, mas com alguns repetentes de até 14 anos, e ainda não serem leitores não nos desestimulou, ao contrário, evidenciou-se a necessidade de encontrarmos caminhos para motivá-los e investir nas aulas semanais de leitura literária. Poslaniec e Houyel (2000, tradução nossa) se julgam otimistas com relação às possibilidades de reconciliação com o prazer de ler, não importa em que idade ou nível social, desde que as pessoas sejam motivadas adequadamente para isso. Os autores creem que, com a diversidade de publicações na área de literatura infantil que hoje temos disponível, as possibilidades dos professores são infinitas para inventar atividades lúdicas, divertidas, desafiantes e que incitem a ler e a aprofundar a leitura dos alunos.

Questionamo-nos sobre como fazer os alunos lerem; como motivá-los; o que fazer para que emitissem opiniões sobre o que leram; e qual o método pedagógico a adotar. O objetivo era fazer com que os alunos lessem mais e contribuir para sua formação cultural, ensinar-lhes a analisar, sintetizar e transferir os saberes para outros domínios, remeter seus lazeres (que como vimos são restritos à TV e ao bairro carente em que vivem) para outras fontes, como os livros.

Primeiramente decidimos colocar à disposição dos alunos o grande e de ótima qualidade acervo de literatura infanto-juvenil disponível na biblioteca da escola, pois esse contato deveria motivá-las à leitura (POSLANIEC, 2002, tradução nossa). A professora passou a levar para a sala de aula uma caixa de livros selecionados semanalmente na biblioteca e os alunos os escolhiam livremente para ler durante os 50 minutos da aula de leitura. Os que se interessavam podiam emprestá-los para terminar a leitura em casa. Percebeu-se que este contato foi gradativamente ampliando o interesse dos alunos pela

leitura. Propunha-se um estímulo à leitura como definido por Poslaniec (2002, p. 187, tradução nossa) como uma atividade de mediação cultural entre os livros e os alunos destinada a reduzir a distância física, cultural e psicológica entre os dois. A atividade consistia em propor aos jovens, como substituição transitória das motivações internas que eles ainda não possuem, uma motivação lúdica, ou uma motivação responsabilizante, o que exclui a obrigação de ler, ao contrário, é preciso motivar. O começo de tudo é criar as condições para que eles se aproximem dos livros e se interessem por lê-los por sua própria conta (POSLANIEC, 2002, p. 188, tradução nossa).

Quanto à questão sobre o que fazer para os alunos dizerem algo sobre suas leituras, norteou-nos o sugerido por Poslaniec (2002, p. 188, tradução nossa) que sugere sempre procurar colocar os alunos em estado de pesquisa, de reflexão, de modo a fazê-los exprimir o que pensam pessoalmente sobre um livro lido, de penetrar na estrutura profunda da obra, perceber os efeitos programados, os implícitos, a noção de narrador e a intertextualidade, a identificar a narratividade das imagens etc. Embora imbuída desta perspectiva a professora reconhece a sua dificuldade e constata que não tem sido uma tarefa fácil, embora aos poucos alguns alunos vão perdendo o medo de falar e de ouvir a opinião de um colega.

Quanto ao método pedagógico adotado, a referência está no que sugere Poslaniec (2002, p. 195, tradução nossa) ao afirmar que o princípio de base é que os alunos sejam ativos e o professor o articulador que cria as condições para que os alunos leiam. O autor afirma que, inicialmente, a busca dos livros é casual, mas com o tempo ela passa a ser balizada pelos conhecimentos anteriores, como, por exemplo, um autor ou um estilo, um gênero, ou uma coleção que o interessou. Constatamos que o trabalho realizado com os alunos ao redor de uma autora confirmou o indicado por Poslaniec, na medida em que foram se motivando pela imersão na vida e obra da autora Índigo passaram a buscar outras de suas obras e é esta a experiência que relataremos a seguir.

## A leitura em rede

Com o intuito de, cada vez mais, motivar os alunos para as aulas de leitura a professora, em uma de suas buscas por livros interessantes na biblioteca da escola, encontrou em junho/2013 um livro chamado *A maldição da moleira*, de Índigo, autora cujo trabalho a professora conheceu de uma experiência positiva de leitura do livro *Saga animal* por alunos de uma escola particular. Logo nas primeiras páginas o texto já revelava o humor inusitado da narrativa sob o ponto de vista do protagonista, o Heitor, um bebê que teve a sua “consciência” despertada precocemente pelo gesto da avó curiosa que apertara a sua moleira.

Como só havia um exemplar na biblioteca, a solução encontrada foi ler o livro em sala para os alunos nos 10 minutos finais das aulas de Língua Portuguesa. As reflexões de um bebê sobre o mundo ao seu redor chamou a atenção da turma. Eram descobertas simples, do cotidiano - os brinquedos no berço, o gato de estimação, os pais, o irmão, o primo, a primeira viagem em família - mas que se tornavam muito engraçadas a partir da perspectiva de um bebê. O silêncio na sala com cerca de 30 alunos só era interrompido por risadas da maioria deles e pelo sinal tocando, o que indicava que a aula tinha acabado. Na aula do dia seguinte surgiu a questão: “professora, você vai continuar lendo o livro pra gente?”. Claro! Para envolvê-los na narrativa, a leitura era interrompida em alguns momentos para instigar-lhes a imaginação: “e agora, o que vocês acham que vai acontecer?” Por exemplo, em um momento da narrativa, Heitor conta que está no berço e o gato de estimação da família caminha sobre a sua barriga. O bebê descreve a cena minuciosamente criando expectativa no leitor sobre o desfecho da situação:

Pois bem, com o Gato Selvagem instalado em cima de mim, e já começando a ronronar, não tinha muito o que eu pudesse fazer a não ser berrar. Mas e se eu assustasse o Gato Selvagem? Ele arrancaria meus olhos com certeza. Por outro lado, se eu não berrasse ia morrer por falta de ar, esmagado por um gatinho de estimação (ÍNDIGO, 2012a, p. 65).

A leitura foi interrompida neste momento e iniciou-se uma discussão: “e agora?”. Várias sugestões surgiram: “o pai dele vai entrar no quarto”, “o Heitor vai conseguir tirar o gato do berço”, “o irmão do Heitor vai matar o gato”, e assim cada ideia ia sendo apresentada, umas agradavam a maioria e outras eram rejeitadas pelo grupo. Depois desse momento de discussão e tendo ouvido as ideias dos colegas, os alunos escreveram a sua continuação da história, embora com dificuldades e limitações e escrevendo textos muito simples, buscaram manter o estilo humorístico de Heitor descrevendo o mundo a sua volta.

Os alunos ficaram cada vez mais entusiasmados a ponto de terem aulas de Língua Portuguesa inteiras, não apenas as de leitura, com cerca de mais de 45 minutos centradas na leitura do livro. Trata-se de um livro com um final em aberto e depois de concluída a sua leitura alguns queriam saber o que aconteceria com o Heitor e seus colegas na creche. Perguntaram se havia a continuação da história, queriam de alguma forma continuar acompanhando a trajetória do bebê.

De forma surpreendente, mesmo após ouvirem a leitura da história, pelo menos a metade deles queria emprestar o único exemplar disponível do livro na escola. A alternativa encontrada foi organizar uma lista de espera e a cada 4 dias um aluno era sorteado para levá-lo.

Em função deste interesse dos alunos, a professora e o grupo de pesquisa da UFPR fizeram algumas reflexões sobre o desdobramento deste trabalho. Entendeu-se que era necessário ampliar e aprofundar a leitura de obras desta autora que tanto motivou os alunos e proporcionar o que Tauveron (1999), Poslaniec (2003), Denizeau (2005) e Devanne (2006) definem como leitura em rede.

O trabalho ao redor da autora não se limitaria a textos órfãos, fragmentados, isolados, mas sim seriam colocados em relação a outros textos, comparados e aproximados (DENIZEAU, 2005, p. 118, tradução nossa). As atividades deveriam favorecer inicialmente a inserção dos alunos no contexto da obra de uma autora e, posteriormente, no estabelecimento de comparações de estilo entre diferentes autores, visando propor aos alunos uma leitura em rede, para lhes permitir a percepção de pontos comuns em diferentes obras e ao mesmo tempo as diferenças de abordagem desses pontos (POSLANIEC, 2003, p. 46, tradução nossa).

A prática de leitura em rede permitiria explicar aos alunos as relações que os livros mantém entre si e, sobretudo, que o ganho tirado de uma leitura pode ser reinvestido numa outra. Como afirma Tauveron (1999) ler supõe convocar múltiplos conhecimentos, oriundos o mais frequentemente de leituras anteriores ou validados por elas. O aluno seria visto como um sujeito cultural capaz a todo o momento de ativar as referências, de aproximar, de dissociar, enfim, de pensar em redes (DEVANNE, 2006, tradução nossa).

Poslaniec (2003, p. 46, tradução nossa) auxilia na justificativa da relevância de um trabalho como este. O autor trata do potencial contido nas atividades de agrupamentos de textos para a leitura analítica que visa transformar as impressões iniciais de leitura em interpretação. Um projeto como este visa o enriquecimento da cultura literária dos alunos, ou a qualidade de sua leitura de textos literários. Ele entende que é indispensável criar redes entre os textos para aprofundar a leitura. Para o autor, a aproximação em rede, ou o reagrupamento estruturado dos textos parece a forma mais apropriada para proporcionar à criança o gosto pela leitura. As coleções, as séries propostas pelas editoras, favorecem colocar o leitor em rede e, conscientemente ou inconscientemente, o leitor criar uma ligação entre as obras e constrói a sua própria cultura literária. Em termos pedagógicos, a rede é um conjunto de obras reagrupadas para instaurar os saberes literários: é uma modalidade, uma estratégia a serviço da aprendizagem da leitura literária. Poslaniec

(2003) complementa dizendo que a leitura em rede permite perceber um ponto comum a inúmeras obras e, ao mesmo tempo, as diferenças de tratamento entre eles.

Tendo como alicerce estes princípios pensou-se num roteiro para a atividade ao redor da autora Índigo:

1. Os alunos devem localizar dados biográficos da autora (internet, contracapas das suas publicações). Ver sua foto, conhecer a cidade onde nasceu, os cursos que fez, os autores que a influenciaram etc.
2. Trazer todas as obras possíveis desta autora, para que sejam lidas pelos alunos. Na medida do possível ir a bibliotecas para emprestar as suas obras.
3. Fazer uma organização cronológica destas publicações.
4. Ler e aprofundar o estudo das obras. Os alunos podem ser divididos em grupos e estudar paralelamente diferentes obras e depois apresentá-las aos demais alunos.

Roteiro básico para análise:

109

*Qual o interesse global do livro?*

- É um livro que faz rir: como?
- É um livro que faz sonhar: por quê?
- É um livro que faz refletir: sobre o que?
- É um livro que faz descobrir coisas desconhecidas: quais?

*Qual é o interesse da história?*

- A ação, o suspense?
- Provoca o desejo de ler e saber a continuação?

*Qual é o interesse dos personagens?*

- Podemos imaginá-los bem?
- Eles são bem diferenciados e vivos?
- Eles são engraçados?
- Eles nos ensinam coisas?
- Nós gostaríamos de ser como eles?

*Qual é o interesse das ilustrações?*

*Você tem desejo de ler outro livro deste autor?*

5. Comparar as obras estudadas e a evolução do trabalho da autora.
6. Trabalhar a intertextualidade. Encontrar outros autores com características literárias semelhantes.

O trabalho “ao redor de uma autora” não pode ser executado como idealizado inicialmente devido a inúmeras demandas, que provocaram frequentes interrupções, como uma gincana intercultural com atividades propostas pela Secretaria Estadual da Educação do Paraná, atividades de leituras e reflexões de narrativas sobre futebol motivadas pela Copa do Mundo, atividades do projeto “Leitura em sociedade” que tinha como objetivo a leitura de diversos gêneros textuais sobre o tema da “velhice” e ainda uma greve de professores.

Assim, principalmente os itens 4, 5 e 6 ainda precisam ser melhor trabalhados, mas são as metas para onde deve ser direcionada a continuidade do trabalho, inclusive como forma de preparação da visita da autora à escola, a ocorrer em setembro/2014.

### A teoria na prática

Depois de terem ouvido *A maldição da moleira* e muitos alunos terem lido o livro, foi proposto pela professora que escrevessem um bilhete para a autora expressando a sua opinião sobre a história. Nesses bilhetes houve a confirmação não só da satisfação, mas também do interesse em outros livros dela:

**BG:** - Gostei muito do seu livro, achei a história do Heitor muito engraçada. Você fez a continuação deste livro?

**BP:** - O livro “A maldição da moleira” é muito engraçado. Ficamos com vontade de ler outros livros que você escreveu.

Diante desse interesse, em outra busca na biblioteca foram encontrados 3 exemplares de um livro de contos da autora chamado *Cobras em Compota*,

que foi incluído na caixa de livros para as aulas de leitura e que como veremos mais adiante não teve uma boa recepção pelos alunos. A escola não dispunha de meios para aquisição de outros livros, pois não estava previsto para aquele período nenhum recurso para esta finalidade.

Como não havia outros livros da autora na biblioteca, era necessário providenciar este material por meio de sebos, fotocópias de um que está disponível no portal do MEC e também com a própria autora para a qual foi escrito pela professora Érica, em 17/12/2013, um e-mail com o relato da experiência vivenciada com esses alunos, o desejo deles por conhecerem outros livros dela e até porventura conhecê-la pessoalmente. Ela prontamente respondeu no dia seguinte, dizendo que ficava muito contente com o que havia relatado e faria o possível para ajudar:

Olá, Érica  
Tudo bem?  
Topo ajudar, com o maior prazer.  
Aliás, fiquei super feliz de saber que meus livros motivaram seus alunos.  
É pra isso que escrevo.  
Me mande o seu endereço. Tenho exemplares de: “Perdendo perninhas”, “A maldição da moleira”, “O livro das cartas encantadas” e a novíssima edição de “Um pinguim tupiniquim”.  
E vamos seguir nos falando. Gostei da ideia de uma visitinha à sua escola em 2014.  
De repente conseguimos viabilizar isso.  
Sobre “Saga animal” - estou sem exemplares de divulgação aqui comigo. A boa notícia é que a nova edição do livro sai em 2014, pela Moderna.  
Índigo

111

A empolgação dos alunos e a resposta da autora motivaram a professora a acompanhar os alunos do 6º para o 7º ano, assim em fevereiro de 2014 a volta às aulas foi marcada pelo recebimento de uma caixa do correio com 4 livros enviados pela Índigo.



Foto 1: pacote do correio

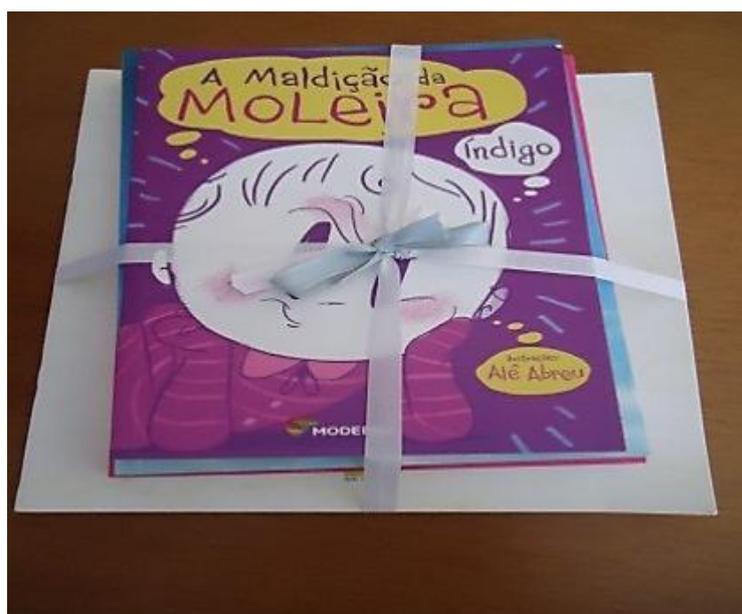


Foto 2: conteúdo do pacote

Cada um dos livros com uma dedicatória carinhosa: uma nova edição de *A maldição da moleira* - “Para professora Érica e aluno: esse bebê e um beijo. Índigo” - , *Um pingüim tupiniquim* - “Para prof. Érica e seus alunos um pinguim da Índigo” - , *O aniversário do dinossauro* - “Para prof. Érica e seus alunos: um beijo Índigo” e *O livro das cartas encantadas* - “Para Érica e alunos: essas princêes e um beijo, Índigo”.

Para surpreender aos alunos a caixa foi levada fechada para a sala de aula. Eles tentaram adivinhar o conteúdo, criaram histórias imaginando quem poderia ter mandado aquela caixa, quem a tinha recebido, até que foi revelado o seu destinatário: as duas turmas de 7º ano da escola. Vários palpites surgiram até que um arriscou: a Índigo mandou essa caixa para a gente! Mal podiam acreditar.

Desta forma, o planejamento elaborado pelo grupo de pesquisa foi colocado em prática. Os livros estavam à disposição dos alunos nas aulas de leitura, os alunos leram uma reportagem que trazia informações sobre a autora, também foram levados ao laboratório de informática para uma pesquisa sobre dados biográficos de Índigo no seu blog e a leitura de outro livro da autora foi iniciada: *Saga Animal*, o que também despertou o interesse dos alunos, pois se trata de uma narrativa da persistência de Igor, um garoto que tenta convencer a mãe a aceitar um animal de estimação em casa.

113

---

Como forma de agradecimento pelos livros enviados, foi elaborada por cada uma das turmas de 7º ano, uma carta de agradecimento que foi enviada pelo correio com a foto da turma. Cada aluno escreveu o seu texto, depois em conjunto, foi construído um texto com a colaboração de todos. Além de agradecer, os alunos sentiram-se à vontade para fazer perguntas sobre a rotina, as preferências da escritora e ainda manifestaram a vontade de conhecê-la pessoalmente convidando-a a vir à escola:

Cara Índigo,  
Gostaríamos de saber se está tudo bem com você...  
Somos o 7º A, do Colégio João Gueno (Colombo, Paraná) e estamos muito gratos pela resposta e pelo presente. Logo na primeira semana de aula, a nossa professora trouxe a caixa e pediu para que adivinhássemos o que podia haver nela e também quem a tinha enviado.  
Gostamos muito dos livros, principalmente o do pinguim (Um pinguim tupiniquim).  
No ano passado conhecemos o seu livro: "A maldição da moleira", demos muita risada com o Heitor, um bebê muito engraçado.

Agora estamos conhecendo outra história sua: “Saga Animal”, que também estamos adorando.

Lemos uma reportagem chamada: “Uma infância não politicamente correta”, em que Juliana Cunha escreve um pouco sobre sua carreira.

Nossa professora Érica nos passou algumas perguntas para que pudéssemos fazer uma pesquisa em seu site e sabermos mais sobre você. O site é bem criativo e organizado. Vimos que você trabalhou num café chamado Índigo. Vem daí o seu nome? O que significa?

Gostariamos muito de te conhecer pessoalmente. Seria possível? Quando? Outra coisa, como é o seu dia a dia? Você passa o dia escrevendo? O que mais você faz? Você tem filhos? Quantos? Como está a sua gata?

Muito obrigado! Esperamos uma resposta sua!

7º A

Prezada Índigo,

Nós somos alunos do sétimo ano B, do Colégio João Gueno (que fica em Colombo, Paraná) e queremos agradecer pelos livros que tão generosamente nos encaminhou. Quando a professora trouxe a caixa, nós não imaginávamos o que podia ter dentro dela. Ao ver os livros ficamos surpreendidos. Nós já começamos a lê-los. Lemos o “O aniversário do Dinossauro” rapidinho, é uma história divertida! A sua forma de escrever é muito envolvente, é engraçada, cativa o leitor.

A nossa professora está lendo um outro livro seu, chamado “Saga Animal”.

Também estamos tendo a oportunidade de conhecermos um pouco mais sobre a sua vida pelo seu site, quando pudemos ver suas fotos. Achamos interessante a forma como você expôs alguns fatos de sua vida e também lemos comentários dos seus leitores.

Estamos loucos para que venha em nossa escola, ficaríamos felizes se você pudesse vir nos visitar...

com carinho,

7º B

Para a surpresa de todos, as cartas foram respondidas pela Índigo por meio do seu blog (<http://livrosdaindigo.com.br/2014/04/>). Durante a primeira semana de abril/2014, diariamente, ela postou uma resposta às questões feitas pelos alunos. Relatou a sua rotina de trabalho diário dando duro escrevendo, cuidando de questões financeiras e burocráticas. Como trabalha em casa é ela quem faz o almoço e se dedica a algumas tarefas domésticas. Cuida do corpo se exercitando e da cabeça tocando tambor, lendo e vendo filmes. A resposta à última pergunta interessou muito aos alunos por tratar da sua gata, tendo sido postada em 8/4/2014:

Se eu começar a falar sobre o comportamento da Valentina nos últimos meses, dá um livro. Ela está com 14 anos, forte feito um touro e doidinha de pedra. Cada dia ela aparece com uma novidade.

Durante anos ela foi super fresca com ração. Só podia ser sabor peixe. Agora, do nada, ela decidiu que AMA ração de carne e de frango. Come até não poder mais. Outro dia ela me perguntou por que eu nunca tinha comprado essas rações antes. Expliquei que eu já tinha comprado, mas que quando coloquei no seu potinho, ela torceu o nariz. Claro que ela não acreditou. Achou que era mentira minha. E reclamou que não aguentava mais comer ração de peixe.

- EU NÃO AGUENTAVA MAIS! - gritou, com os braços para o alto.

Ela é super dramática.

Outra mania recente. Enquanto meu marido e eu estamos parados, sentados ao computador, lendo um livro, ou à mesa, fazendo uma refeição, ela está feliz. Mas basta alguém se levantar e andar pela casa que ela fica histérica e começa a miar sem parar. Se paramos de andar, nos sentamos, e ficamos bem paradinhos, ela para de miar. Acho que na última encarnação ela foi monge ou algo assim.

O tom lúdico e descontraído se manteve mesmo depois de terminar de responder às questões dos alunos de Colombo. No dia seguinte (9/4/2014) o título do blog era: “A vida pós-colombianos”, em que a autora brinca e parece fazer alusão à pré-história das Américas.

Bem, agora que não tenho mais perguntas para responder, volto ao vazio do blog sedento por atualizações [...].

115

A partir disso, alguns, ao lerem os textos escritos para eles, sentiram-se à vontade para iniciarem uma interação direta com a autora por meio de comentários no blog:

Olá Índigo,  
Sou BP, aluna da professora Érica.  
Obrigada por responder as nossas imensas perguntas...  
Vi na sua resposta que você tem facebook, gostaria que você me adicionasse: BP.  
A professora Érica está lendo Saga Animal, estamos adorando a história do Igor...  
Obrigada pela atenção, e esperamos te conhecer.

Oi, BP.  
Claro, vou te adicionar no Face. Bacana saber que vocês estão lendo “Saga animal”. Foi meu primeiro livro. beijinho, Í

Oi Índigo , sou aluna da professora Érica .  
Gostei muito dos seus livros.  
Espero que você venha nos conhecer.  
Você gostou da nossa foto?  
Obrigada pelos livros , e por responder nossas perguntas.  
Grata pela atenção! beijoss

Olá, BG.

Eu adorei a foto. É ótimo poder “ver” com quem estamos falando.  
Bem, espero vê-los mais vezes por aqui. beijinho, Í

Oi Índigo, nós adoramos a história sobre a sua gata, achamos ela muito fofo... e a professora Érica está lendo um livro seu “A Saga Animal” e gostaríamos de conhecer você pessoalmente e adiciona nós lá no facebook KB e MC.... um grande beijo e um grande abraço ...

Olá, KB!

No Face eu estou como Indigo Ayer.

Eu tb curti escrever sobre a Valentina. Fazia tempo que eu não falava dela no blog. Deu até vontade de escrever mais histórias sobre ela.

beijinhos, Índigo.

O sucesso da autora com os alunos nessas turmas ultrapassou as salas de aula chegando a conquistar alguns professores, pedagoga e direção da escola. A Índigo inclusive fez questão de publicar no link do seu blog: “Vocês, leitores”, um dos comentários da pedagoga da escola:

Sou pedagoga do colégio João Gueno e confesso estar maravilhada com o sucesso dos seus livros junto à garotada do 7º ano. Acabei de ler A maldição da moleira, dentro do hospital enquanto esperava minha médica... ri tanto que até minha pressão diminuiu... olha que legal a Índigo curando a pressão alta kkkkkkkkkkk. Bom, neste momento estou com os alunos da Professora Érica lendo as últimas postagens do Blog..uauuuu estamos amando. Beijocas e como falo para os meus professores: Força na peruca (Tatiana Ferrarini).

116

Assim, os esforços se multiplicaram para tentar levá-la para a escola, a professora fez contato com uma das editoras que publica um dos livros da autora, com colégios e instituições que em uma parceria pudessem ajudar a financiar esse encontro. Como não obtinha respostas positivas e era constantemente cobrada pelos alunos sobre a efetivação dessa visita, foram em busca de recursos na forma que estava ao seu alcance: venda de rifas, bolos, contribuições dos professores e funcionários etc.

Para a surpresa e alegria de todos receberam duas notícias no mês de julho de 2014: uma das editoras que publica livros da Índigo resolveu patrocinar a viagem. Paralelamente, a Índigo recebeu um convite para participar de uma Feira Literária na cidade de Curitiba, organizada pelo SESC em parceria com a

Biblioteca Pública do Paraná, tendo sido agendada a visita para o mês de setembro/2014.

### **A voz dos alunos: avaliando a experiência vivida**

Conforme indicado anteriormente além das observações atentas da professora em sala de aula avaliando o andamento do trabalho e também a motivação dos alunos, foi feito um levantamento por meio de um protocolo de leitura das suas preferências de leitura. O grupo de pesquisa ao se debruçar na análise separou os 12 protocolos que faziam referência aos livros da Índigo, principalmente apreciaram *A maldição da moleira* e afirmaram terem gostado porque o título é criativo, a história tem aventura, o personagem principal é divertido e esperto, as ilustrações são engraçadas e ajudam a contar a história e o final é divertido.

No entanto, ao lermos os protocolos que faziam referência aos livros *Um pinguim tupiniquim* e *Cobras em compotas* pairaram algumas dúvidas. O aluno que indicou *Um pinguim tupiniquim* apreciou o título que julgou criativo e gostou da história porque tem aventura, mas afirma não ter terminado de lê-lo, suscitando no grupo a dúvida sobre porque não chegou ao fim. No caso de *Cobras em compotas* afirmaram terem achado o título criativo e que chama a atenção, o livro atrai porque tem humor e suspense, o personagem principal é especial porque é divertido e divergem sobre as ilustrações sendo que um as julgou engraçadas e outro não gostou, e sobre o final que para um é divertido e o outro não gostou. Despertou a curiosidade do grupo o protocolo de um aluno que afirma não ter gostado do livro por considerá-lo confuso e não ter terminado de lê-lo.

O grupo de pesquisa percebeu a dificuldade de analisar o envolvimento dos alunos com as atividades “Ao redor de uma autora” apenas lendo os protocolos, assim decidiu-se entrevistar aqueles que haviam citado os livros

da Índigo e por considerar os alunos “atores sociais, com voz e ação, integradas nos processos de investigação” (SOARES, 2006, p. 26).

No dia 20/5/2014 uma das pesquisadoras dirigiu-se à escola e em uma sala reservada gravou as entrevistas com cada um dos 12 alunos. Merece destaque a demonstração de motivação dos entrevistados em falar sobre a vida, a obra da Índigo e das atividades realizadas na escola ao redor da autora.

Todos os entrevistados afirmam que conheceram a autora pela iniciativa da professora em ler para a turma *A maldição da moleira*. A professora escolheu este livro porque ela gostou de lê-lo e porque ela é sensível ao gosto e os interesses dos seus alunos. Ela só foi capaz de fazer para eles uma leitura entusiasmada porque antes de qualquer coisa o livro a agradou. Ela mostrou aos seus alunos o seu próprio prazer de lê-lo e conseqüentemente também os sensibilizou. Somente uma leitura ao mesmo tempo estimulante para a professora e para os seus alunos poderia provocar o efeito de interessá-los para o empréstimo do livro e posterior leitura individual. A obra foi realmente marcante para os alunos que ainda lembravam-se da história e conseguiam justificar o porquê gostaram dela quase um ano depois, ao serem entrevistados.

**DP:** eu gostei do humor do texto e do Heitor (personagem principal).  
**DS:** eu gostei porque é um nenê contando a história.  
**IG:** é a história de um menino que tem mente de adulto.  
**AP:** a moleira do gurizinho vai fechando e ele vai amadurecendo e imaginando coisas e vivendo aventuras.  
**RM:** é inédito o pensamento de um bebê sobre o mundo.

As aulas de leitura parecem estar pouco a pouco sensibilizando os alunos para o prazer de ler, para se sentirem leitores que tem suas preferências de leitura, que tem expectativas quanto ao papel do professor para criar-lhes as condições de leitura e não se sentirem inferiorizados diante de obras que não os interessa, como vemos nestas entrevistas em que se referem ao livro *Cobras em compotas*:

**DS:** - Eu só li até a metade porque comecei a não gostar muito, daí eu devolvi. Eu só gostei de algumas partes do livro que são engraçadas. Eu não gostei porque a história não tem a ver com o título. Eu imaginei uma cobra num lugar chamado compota, mas não é sobre isto. São várias histórias, são vários capítulos diferentes.

**HO:** - Eu comecei a ler e não gostei muito dele, porque eu prefiro quando é uma história só. Eu achei as histórias difíceis de entender a larguei.

Por outro lado, ainda identificamos alunos que buscam desculpas para não terem terminado uma leitura:

**IG:** - Eu li *Cobras em Compota*. São várias histórias diferentes num livro. Eu só li 4 histórias porque eu tinha que devolver o livro e não deu tempo.

**RN:** - Eu estava gostando de *Um Pinguim tupiniquim*, mas não terminei de ler porque não consegui pegar de novo o livro.

A professora esclarece que não havia limitado o tempo de permanência deles com esses livros e que depois de os terem devolvido não tinham sido emprestados. Estes alunos não demonstraram a maturidade de leitor dos que assumiram que ao não se interessarem por uma leitura a abandonam. Pennac (1995) nos ajuda com os argumentos ao tratar dos direitos imprescritíveis do leitor, entre eles o de não terminar um livro se a história não os prende. Pennac (1995, p. 150) brinca afirmando que “existem trinta e seis mil razões para se abandonar um livro antes do fim”, mas em outro momento da vida ele pode ser retomado e isto não é um drama, pois “quando nos acreditamos suficientemente “maduros” para lê-los, nós os atacamos mais uma vez. Então das duas uma: ou o reencontro acontece ou é um novo fiasco” (PENNAC, 1995, p. 151). O importante é que os alunos não se constrangeram em afirmar que não gostaram do que leram, nem se martirizaram achando ter “uma telha de menos [...]” ou “uma porção irreduzível de burrice” (PENNAC, 1995, p. 151). É importante que na sua formação como leitores se sintam à vontade para ler o que gostam e o que os atraia, sob pena de não se tornarem leitores.

Ao tratarmos anteriormente sobre a leitura em rede enumeramos seis itens que seriam a sequência do trabalho ao redor da autora. Vimos que a professora ainda não conseguiu aprofundar o estudo das obras, ou fazer um trabalho de interpretação mais detido, também não foi possível comparar as obras lidas e a evolução do trabalho da autora, tampouco realizar um trabalho comparativo das obras da Índigo com outros autores. A falta de continuidade, de ritmo e de frequência do trabalho ao redor da autora prejudica o entusiasmo dos alunos, como pode ser constatada nas entrevistas em que os alunos se referem à leitura começada pela professora do livro *Saga animal*, que eles estavam gostando muito, inclusive recontaram vários trechos da história, mas já fazia muito tempo que não era dada continuidade à leitura:

**CF:** - Saga Animal trata da história de um menino que não tem com quem brincar e quer ter um animal, mas a mãe dele não deixa. Ele compra escondido uma coelha, a Jéssica, que tava prenha. O cara que vendeu pra ele tinha uma iguana que ele guardava na barba. Ele combinou que se a mãe dele não deixasse ele ficar com o animal ele podia voltar e trocar por outro. Daí ele trocou pelo Kléber, o lagarto. Eu gostei neste livro que o lagarto e o piá falam um com o outro. Mas, a professora ainda não terminou de ler.

**AP:** - Faz tempo que a professora não lê Saga Animal. Eu queria que ela lesse. Quando ela pega o livro e pergunta aonde paramos, a gente não lembra muito porque já faz muito tempo.

**JS:** - Estou gostando da história Saga Animal e com vontade de ouvir o final.

A continuidade do trabalho e o enfrentamento das limitações encontradas até aqui deverá possibilitar aos alunos vencer as resistências dos textos, atribuir-lhes sentido e preencher os espaços vazios deixados pelo autor e principalmente, motivá-los para novas leituras. Será preciso criar momentos para que os alunos ouçam a opinião dos colegas, escutem percepções diferentes sobre os vários aspectos do texto, percebam que alguns colegas compreenderam nuances propostas pela autora que não haviam sido percebidas por todos. Os alunos externam o seu interesse pela continuidade do trabalho e demonstram conhecer o conteúdo de outras histórias que gostariam de ler:

**LS:** - Eu gostaria de ler *Um pinguim tupiniquim*. Eu achava que era uma história que se passava na Antártica, mas é um pinguim que vem pro Brasil e tem que se adaptar aqui, por isso que fala tupiniquim.

Insistir no aprofundamento deste trabalho se justifica porque os alunos se identificam com o estilo da autora e as aventuras de seus personagens.

**RM:** - Agora a professora está lendo *Saga Animal*. Eu estou achando bem legal porque os livros dela têm uma característica, o jeito que ela conta, as atitudes dos personagens. Por exemplo, quando um menino afastou os amigos dele, ele foi lá e deu um soco na cara. Ele tem atitude, personalidade.

Este aluno se refere à sua identificação com os sentimentos ambíguos do personagem ainda garoto e com dificuldade de lidar com o distanciamento de um amigo e de vê-lo se aproximar de novas amizades. Este leitor ainda está construindo parâmetros sobre o que admira numa pessoa e não percebe a inadequação de resolver problemas por meio de um soco na cara, mas nos dá pistas dos motivos que levam um leitor a se prender a uma leitura literária, neste caso o motivo é a identificação com o personagem, o encontro de soluções para seus problemas pessoais. Giasson (2000, tradução nossa) afirma que os bons escritores sabem traduzir os sentimentos em palavras e que o jovem leitor tem a possibilidade, ao se identificar com um personagem, de atribuir um sentido a um sentimento que ele tem, de perceber que ele não é o único a viver estes problemas. O leitor vai aos poucos se permitindo viver suas emoções com os personagens, e eventualmente encontrando soluções para seus próprios problemas e esta, segundo Giasson (2000), é uma forte razão para continuar lendo.

Todos os entrevistados afirmam que esta é a primeira oportunidade que encontram de estudar uma autora mais a fundo, de se comunicar com ela pelo blog e que estão muito interessados na leitura de seus livros.

**DS:** - Na outra escola a gente nunca falou sobre autores. Aqui é mais interessante.

**DP:** - Antes eu não gostava de livro e agora eu estou me interessando mais por causa do trabalho da professora. Tenho vontade de ler outros livros dela. Estou querendo emprestar aquele do pinguim.

**IG:** - É a primeira vez que eu conheço melhor um autor e isto está motivando bastante.

**BG:** - É a primeira vez que faço estudo de um autor. Eu estou achando muito legal porque todo o conteúdo está sendo nela.

**HO:** - Estou achando legal porque eu nunca tinha tido esta ideia de conhecer mais sobre um autor, entrar no blog e mandar um recado dizendo que gostou de um livro. Tem muitos autores bons que a gente nunca teve esta oportunidade. Achei muito legal a ideia dela de responder. Todo mundo achou ela bem simpática. Isto dá motivação para ler os livros.

**RN:** - Não é sempre que a gente consegue falar com um autor famoso e que escreveu vários livros. Isto dá vontade de ler os livros dela.

Eles julgam muito positiva a oportunidade que a professora criou levando-os ao laboratório de informática para acessarem o blog da autora, especialmente pela dificuldade de acesso à internet que eles têm fora da escola. A interação com a Índigo pelo seu blog provocou uma aproximação afetiva com os alunos que passaram a vê-la como uma pessoa simpática e que eles desejam muito conhecer pessoalmente.

**RM:** - Vimos a biografia dela no blog. O design, as cores do blog são muito interessantes. Isto com certeza nos aproxima da obra dela.

**AP:** - O nome dela é índigo porque ela trabalhou num bar com este nome.

**DP:** - A Índigo é uma pessoa normal como qualquer um.

**DS:** No blog é muito criativo quando ela vai dizer a biografia dela. Ela não escreve um texto, ela faz diferente, ela escreve ondulado. Todo mundo gosta da Índigo. Eu só quero que ela venha aqui conhecer a gente pessoalmente. A gente quer conhecer gente famosa e para nós é muito difícil.

**IG:** - Eu gosto muito dela. Entrei no blog e vi os comentários e as fotos. Ela fala da vida dela. Ela foi bem simpática no blog. Ela é bastante ocupada, mas ela fala que sempre arranja um tempinho para responder o blog.

**AP:** - O blog foi bem legal. Foi bem legal a proximidade. Nós pedimos para ela vir. Não sei se ela vem, eu acho que sim, nós estamos esperando. Ela é bem simpática. Eu mandei convite para ela me adicionar no facebook e ela aceitou. Eu nunca imaginei chegar tão perto de uma escritora de livro.

**LS:** - O blog é interessante porque ela respondeu as nossas perguntas uma em cada dia. Acho que ela é uma pessoa legal e divertida.

**BG:** - Eu gostei muito do blog, da montagem que ela fez pra contar a história da vida dela. Ela conta tudo o que passou até chegar a escritora. A gente vai na informática conversar com ela. A professora deixa nós mesmos fazer as perguntas pra ela. A professora confia em nós, ela nem pede pra ver o que a gente está

perguntando, só depois ela entra e vê as perguntas. A professora também gosta das perguntas. Agora a gente está animado pra ela vir pra cá, pra gente conhecer ela. Todo mundo está com vontade de conhecê-la pessoalmente, porque a gente está estudando sobre a história dela e quer conhecer pessoalmente.

**RM:** - Foi uma surpresa ela responder as nossas perguntas, porque geralmente quando uma pessoa é famosa a gente acha que é muito ocupada e não dá muita atenção.

**HO:** - Achei muito interessante como ela coloca a vida dela no blog. Você começa a ler com empenho porque acha legal.

O blog da Índigo tem a característica definida por Marcuschi (2004) como um diário eletrônico pessoal com anotações frequentes, estando acessíveis informações sobre o trabalho da autora e seus sentimentos em função das ocorrências diárias, sendo uma espécie de biografia com fotos que aproximam o leitor do seu cotidiano. Esta ágil ferramenta de comunicação com *posts* ou conteúdos curtos permitiu aos alunos se sentirem parte integrante do trabalho da autora, na medida em que as perguntas deles foram prontamente respondidas por ela e permitiram a todos aqueles que acessam seu blog conhecerem mais sobre sua família, gostos, cotidiano, animal de estimação e atividades. Nota-se que o fato do blog ser um espaço democrático em que qualquer visitante pode participar, fazer comentários e interagir diretamente com a autora provocou um sentimento de pertencimento entre os alunos, que se orgulham de terem tido esta oportunidade e da confiança depositada neles pela professora. A agilidade na comunicação desmistificou a imagem de que um autor é alguém inacessível e provocou o estabelecimento de uma proximidade com a autora e o desejo de maior aproximação com ela e de conhecê-la pessoalmente. O uso dos computadores na escola para a interação no blog transformou as relações aluno/professora/autora e desencadeou inusitadas oportunidades de ensino/aprendizagem, principalmente com a mudança de um papel passivo dos alunos para um papel mais participativo e atuante durante o processo de aprendizagem. Esta experiência foi inovadora e demonstrou ter um grande potencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais adequadas ao contexto social em que vivem os alunos hoje.

## Considerações finais

Não há originalidade nas características descritas neste artigo sobre alunos que chegam às séries finais do ensino fundamental e demonstram desinteresse pela leitura literária. O inusitado neste relato pode ser definido pela palavra sinergia: entre a professora, os alunos, a autora Índigo, a direção/equipe pedagógica da escola e o grupo de pesquisa da universidade.

Merece destaque o papel da professora como o elo fundamental entre todas estas pessoas, o que reforça as teses de que sem professores motivados e capacitados dificilmente haverá chance de melhoria na qualidade da educação brasileira.

Os investimentos do governo federal para melhoria do acervo das escolas, via Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), têm permitido aos alunos carentes acessar livros de qualidade e que os motivam para ler. Mas, sabemos que apenas ter o acervo na escola não é suficiente. É preciso dinamizá-lo, entregá-lo nas mãos dos alunos, assegurar a leitura literária no horário de aula e planejar atividades interessantes de leitura coletiva e individual como foi o caso do trabalho relatado neste artigo.

124

Conclui-se que o trabalho “ao redor de uma autora” auxiliou na formação de leitores literários, mas carece de continuidade para sua consolidação e efetividade, de forma que os alunos percebam a escola como:

- um local privilegiado de integração de leitores;
- um espaço democrático de discussão, em que todos se sintam à vontade para ouvir, externar opiniões e aprofundar a sua compreensão sobre o que leem;
- estimuladora da formação de alunos-autores e desejosos de viverem a experiência da criação literária por escrito;

- disseminadora de projetos de leitura em rede que propiciam o prazer de conhecer mais profundamente a obra de um autor com quem se identificam e na medida em que ampliam seu repertório vão descobrindo o prazer da intertextualidade, ou do estabelecimento de relações entre as leituras literárias realizadas e refinando seus gostos.

## Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

COLOMBO. Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual João Gueno. Colombo, 2012. Disponível em: <<http://www.cbxjoaogueno.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/2/580/1392/arquivos/File/ppp2012.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

DENIZEAU, Marie-Thérèse. La poésie dans lês manuels de l'écôle élémentaire: entre lecture et maîtrise de la langue. In: BRILLANT-ANNEQUIN, Anick; MASSOL, Jean-François (Coord.). *Le pari de la littérature*. Quelles littératures de l'écôle au lycée. Grenoble: Centre Régional de Documentation Pédagogique de l'Académie de Grenoble, 2005. p. 109-118.

DEVANNE, Bernard. Littérature de jeunesse et apprentissages de la langue écrite à l'écôle élémentaire. In: PASA, Laurance; RAGANO, Serge; FIJALKOW, Jacques (Coord.). *Entré dans l'écrit avec la littérature de jeunesse*. Paris: ESF, 2006. p. 123-135.

GIASSON, Jocelyne. *Les textes littéraires à l'écôle*. Québec: G. Morin, 2000.

ÍNDIGO. *Um pinguim tupiniquim*. Rio de Janeiro: Manati, 2013.

ÍNDIGO. *A maldição da moleira*. São Paulo: Moderna, 2012a.

ÍNDIGO. *O aniversário do dinossauro*. São Paulo: Dedo de Prosa, 2012b.

ÍNDIGO. *O livro das cartas encantadas*. São Paulo: Brinque Book, 2007.

ÍNDIGO. *Cobras em compota*. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/MEC\\_\\_cobras.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/MEC__cobras.pdf)>

ÍNDIGO. *Saga animal*. São Paulo: Hedra, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: \_\_\_\_\_; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-67.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Portal do Sistema de Avaliação da Educação Básica do Paraná - SAEP*. Disponível em: <http://www.saep.caedufjf.net>. Acesso em: 15 jul. 2014.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

POSLANIEC, Christian. *Pratique de la littérature de jeunesse à l'école. Comment élaborer des activités concrètes*. Paris: Hachette, 2003.

POSLANIEC, Christian. *Vous avez dit "littérature"?* Paris: Hachette, 2002.

POSLANIEC, Christian; HOUYEL, Christine. *Activités de lecture à partir de la littérature de jeunesse*. Paris: Hachette Éducation, 2000.

SOARES, Natália Fernandes. A investigação participativa no grupo social da infância. *Currículos sem Fronteiras*, v. 6, n. 1, p. 25-40, jan.-jun. 2006. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/soares.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2008.

TAUVERON, Catherine. Comprendre et interpréter le littéraire à l'école: du texte réticent au texte proliférant. REPÈRES - Recherches en didactique du français langue maternelle. *Revue de l'Institut National de Recherche Pédagogique*, Lyon, n. 19, p. 9-38, 1999.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Recebido em: 31 de julho de 2014.  
Aprovado em: 6 de janeiro de 2015.